

DIPLOMACIA

Blinken evita atrito com Lula, mas reprova falas

Chefe da diplomacia americana diz a presidente que EUA discordam da declaração sobre genocídio em Gaza. Os dois países defendem a criação de Estado Palestino

» VICTOR CORREIA

O secretário de Estado dos Estados Unidos, Antony Blinken, não cobrou reatracão ao presidente Luiz Inácio Lula da Silva por ter comparado as ações de Israel na Faixa de Gaza com o Holocausto. Os dois se reuniram, ontem, no Palácio do Planalto, na primeira visita oficial do americano ao Brasil. Blinken, porém, deixou claro que os EUA não concordam com a declaração do líder brasileiro, como havia divulgado o Departamento de Estado americano na terça-feira.

O representante americano também reiterou a Lula que os EUA atuam para negociar o fim do conflito e a libertação de reféns. De acordo com nota divulgada pelo Planalto, os dois países defendem a criação de um Estado Palestino da região. “O presidente Lula reafirmou seu desejo pela paz e fim dos conflitos na Ucrânia e na Faixa de Gaza”, diz o texto.

Ao deixar o Planalto, Blinken fez apenas um breve comentário. “Foi um encontro muito bom. Estou grato pelo presidente Lula e pelo seu tempo. Os Estados Unidos e o Brasil têm muitos projetos em comum e trabalhamos juntos de forma bilateral, regional e global. É uma parceria muito importante, e estamos gratos”, enfatizou.

Questionado sobre a guerra em Gaza, porém, ele não respondeu. Em sua conta no X (antigo Twitter), Blinken destacou que o Brasil é um parceiro importante para medidas de valorização dos trabalhadores e combate às mudanças climáticas. “Enquanto nos aproximamos dos 200 anos de relação entre Brasil e EUA, nossos laços estão mais fortes do que nunca”, frisou.

Lula, por sua vez, comentou o encontro apenas em suas redes. “Conversamos sobre o G20, a iniciativa pela melhoria da condição dos trabalhadores que lançamos com o presidente Biden, a proteção do meio ambiente, a transição energética, a ampliação dos laços de investimento e cooperação entre nossos países e sobre a paz na Ucrânia e em Gaza”, declarou.

Na conversa entre os dois, de quase duas horas, trataram também das eleições venezuelanas e de mudanças climáticas. Blinken citou, inclusive, a possibilidade de uma nova doação ao Fundo Amazônia.

A comitiva americana chegou ao Planalto por volta das 9h.

Ricardo Stuckert/PR



Na reunião, Blinken e Lula também trataram de eleições venezuelanas e mudanças climáticas



Os Estados Unidos e o Brasil têm muitos projetos em comum e trabalhamos juntos de forma bilateral, regional e global”

Antony Blinken, secretário de Estado americano

Blinken estava acompanhado da embaixadora dos Estados Unidos no Brasil, Elizabeth Bagley. Já Lula teve ao seu lado o assessor especial da Presidência e ex-chanceler Celso Amorim.

Antes de iniciar a conversa a portas fechadas, o chefe do Executivo perguntou a Blinken quando serão as eleições presidenciais americanas. O secretário respondeu que são em novembro, e que a campanha, agora, está focada em “quatro ou cinco estados”, já que a maioria dos votos está decidida por conta da polarização: os concorrentes são o atual presidente, Joe Biden, e o antecessor dele, Donald Trump.

Venezuela

Outro tema espinhoso tratado no encontro foi a relação com a Venezuela, governada por Nicolás Maduro. Blinken elogiou Lula pela atuação do Brasil para desescalar o conflito com a Guiana, após ameaça

venezuelana de invasão militar da região de Essequibo. O secretário, porém, criticou a gestão Maduro por descumprir tratados firmados para permitir uma eleição livre no país, ainda neste ano, os Acordos de Barbados.

Em outubro de 2023, a Venezuela assinou os pactos para garantir que membros da oposição pudessem concorrer livremente nas eleições presidenciais. Como parte do trato, os EUA suspenderam sanções contra o país latino-americano. Porém, após prisões de opositores pelo governo de Maduro e medidas para impedir sua participação no pleito, a gestão Biden retomou algumas das restrições.

O Brasil participou da negociação. Embora o governo Lula não tenha criticado publicamente as ações do presidente venezuelano que violam o tratado, Celso Amorim divulgou uma nota, no começo do mês, reiterando o apoio brasileiro aos Acordos de Barbados.

Katz segue a escalar crise

O ministro das Relações Exteriores de Israel, Israel Katz, se manifestou mais uma vez nas redes sociais para repudiar a comparação do presidente Lula entre a guerra atual na Faixa de Gaza e o Holocausto, que provocou uma crise diplomática entre os dois países. Na sua conta do X, publicou um vídeo da brasileira Rafaela Triestman, sobrevivente do ataque terrorista do Hamas em 7 de outubro, para justificar a campanha militar israelense no enclave como “guerra justa”.

Katz direciona a postagem para Lula e afirma que o vídeo é uma “mensagem que o senhor deveria ouvir” depois da comparação entre “a nossa guerra justa contra o Hamas e os atos desumanos de Hitler e dos nazistas”.

Rafaela relata o que aconteceu no dia do ataque. Ela estava com o namorado, Ranani Glazer, e amigos em um festival de música eletrônica que foi atacado pelo Hamas. Glazer e os amigos não sobreviveram. Ela escapou da morte após se esconder debaixo de corpos de vítimas.

No fim, a brasileira, ao lado de Katz, diz que não se sente segura de retornar ao Brasil após o comentário do presidente, que ela considera antissemita.

JUDICIÁRIO

Supremo recebe hoje o novo ministro, Dino

» RENATO SOUZA

O ex-senador Flávio Dino toma posse, hoje, às 16h, como ministro do Supremo Tribunal Federal (STF), na vaga da aberta com a aposentadoria de Rosa Weber.

Dino se concentrou, nas últimas semanas, à montagem da equipe. Ele poderá ficar no cargo por 19 anos, ou seja, até 2043.

Nos meses que antecederam a chegada ao Supremo, ocupou cargos no Executivo e no Legislativo. Estava no comando do Ministério da Justiça quando extremistas invadiram o Congresso, o Palácio do Planalto e o próprio STF. Em 2022, elegeu-se senador, com 2,1 milhões de votos. Também foi juiz federal por 12 anos.

Dino não atuará na relatoria dos processos sobre as invasões, pois estão sob responsabilidade do ministro Alexandre de Moraes. No entanto, quando as ações forem a plenário, seja físico, seja virtual, poderá se posicionar, não tendo a intenção de pedir suspeição, de acordo com

Marcos Oliveira/Agência Senado



A posse de Flávio Dino no STF deve ter a presença de 800 pessoas

fontes consultadas pelo **Correio**, pois ele não atuou como parte nos processos.

O gabinete do novo ministro terá três juízes auxiliares, sendo que dois, os magistrados

estaduais Anderson Sobral e Amanda Thomé, são do Maranhão, estado natal dele, do qual foi governador entre 2015 e 2022. O terceiro ocupante da equipe de Dino será o juiz

federal Americo Bedê, do Espírito Santo. O gabinete será chefiado pela jornalista Rafaela Vidigal, que já foi assessora do ex-parlamentar quando ele ocupava o posto de governador.

O novo ministro do STF também escolheu a advogada Priscila Carnaúba, esposa do senador Randolfe Rodrigues (sem partido-AP), líder do governo Lula no Congresso, para ocupar uma das vagas no gabinete. A jurista já trabalhava na Corte, com a ministra Cármen Lúcia.

Homem de confiança do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, Dino enfatizou, no discurso que fez ao deixar o cargo de senador, que agirá de forma técnica, com imparcialidade. E prometeu atuar pela “harmonia entre os Poderes”.

Ele vai herdar 343 processos que estavam sob relatoria de Rosa Weber. Entre as ações, há processos sobre o relatório final da Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) da Covid e decretos de indulto de Natal.

NAS ENTRELINHAS

Por Luiz Carlos Azedo



Luizazedo.df@dabr.com.br



Werneck Vianna, intérprete do Brasil contemporâneo

O sociólogo carioca Luiz Jorge Werneck Vianna faleceu ontem, aos 86 anos. Fez parte de uma geração de artistas e intelectuais que formou o pensamento crítico da esquerda brasileira nas décadas de 1960, 1970 e 1980, entre os quais, destacam-se Nelson Pereira dos Santos, Ruy Guerra, Joaquim Pedro, Walter Lima Jr., Zelito Viana, Luiz Carlos Barreto, Glauber Rocha, Leon Hirszman, Ferreira Gullar, Leon Amodeo, Tereza Aragão, Zuenir Ventura, Milton Temer, Norma Pereira Rego, Leandro Konder, Darwin Brandão, Marília Kranz, Ziraldo, Jaguar, Albino Pinheiro, Ferdy Carneiro, Hélio Oiticica e Hugo Bidet, Hugo Carvana, Paulo Góes, Vergara, Carlinhos Oliveira, Zóximo Amaral, Tom Jobim, Carlos Lira, Vinicius do Moraes e Oduvaldo Viana Filho.

Residentes no Rio de Janeiro, em sua maioria, formavam a chamada República de Ipanema. Apesar da influência do antigo PCB no meio cultural carioca, muitos não eram comunistas e tinham profundas divergências com os militantes do setor cultural do velho Partidão, do qual Werneck fez parte. Com raízes familiares na aristocracia cafeeira fluminense, Werneck Vianna foi criado em Ipanema e estudou nos melhores colégios da Zona Sul carioca, mas teve trajetória rebelde, influenciado por autores como Monteiro Lobato, Eça de Queiroz, Fiódor Dostoiévski e Miguel de Cervantes.

Em 1958, ingressou na Faculdade de Direito da Universidade do Estado da Guanabara (atual Universidade do Estado do Rio de Janeiro/Uerj), concluindo o curso em 1962. Em 1967, graduou-se em ciências sociais pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e, dois anos após, ingressou na primeira turma de mestrado do Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (IUPERJ). Sua trajetória acadêmica, porém, foi interrompida na década de 1970, por cinco inquéritos policiais-militares, que o levaram a se exilar no Chile.

Retornou do exílio um ano após. Ao chegar, foi detido por seis meses. Acolhido em São Paulo por Francisco Weffort, seu orientador no doutorado em sociologia pela Universidade de São Paulo (USP), começou a trabalhar no Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (Cebap), fundado em 1969, com financiamento da Fundação Ford, por professores da Universidade de São Paulo (USP) afastados pelo regime militar, entre os quais, Boris Fausto, Elza Berquó, Fernando Henrique Cardoso, Francisco de Oliveira, José Arthur Giannotti, Octavio Ianni, Paul Singer e Roberto Schwarz.

Em 1974, com outros intelectuais que estudavam *O Capital*, como Leandro Konder e Carlos Nelson Coutinho, foi aluno de Anastacio Mansilla na Escola de Quadros do PCUS. No mesmo ano, de volta ao Brasil, foi um dos redatores do programa político do Movimento Democrático Brasileiro (MDB). Em 1975, fugindo da repressão ao PCB em São Paulo, retornou ao Rio de Janeiro e, escondido na casa do dramaturgo Paulo Pontes, companheiro da época de CPC, escreveu sua tese de doutorado: *Liberalismo e sindicato no Brasil* (Paz e Terra, 1976).

Modernização autoritária

Por três décadas, Werneck foi professor do IUPERJ e, durante o biênio 2003-2004, presidiu a Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (Anpocs). Encerrou sua carreira acadêmica como professor de sociologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Um dos grandes responsáveis pela difusão do pensamento gramsciano no Brasil, no rastro do jornalista Luiz Mario Gazzaneo, produziu ensaios que servem de referência para o estudo do pensamento social brasileiro, principalmente o liberalismo, do papel do Judiciário e da modernização do Brasil.

Destacam-se entre seus trabalhos, pela atualidade: *A revolução passiva: iberismo e americanismo no Brasil* (Revan, 1997); *A judicialização da política e das relações sociais no Brasil*, com Maria Alice Rezende de Carvalho, Manuel Palacios Cunha Melo e Marcelo Baumann Burgos (Revan, 1999); *Esquerda brasileira e tradição republicana: estudos de conjuntura sobre a era FHC-Lula* (Revan, 2006); *Uma sociologia indignada — Diálogos com Luiz Werneck Vianna*, de Rubem Barboza Filho e Fernando Perlatto (Ed. UFJF, 2012); *Modernização sem o moderno: análise de conjuntura na era Lula* (Contraponto/Fundação Astrojildo Pereira) e *Diálogos gramscianos sobre o Brasil* (Fundação Astrojildo Pereira, 2018).

Liberalismo e Sindicato no Brasil é um esforço de compreensão das profundezas da nossa “modernização conservadora”, no contexto das obras de Simon Schwartzman, Florestan Fernandes (1975) e José Murilo de Carvalho (1980). Estudou o liberalismo numa sociedade marcada pelo escravismo e pelo patrimonialismo. Sua tese de que a que a modernização brasileira não significava ruptura e/ou desaparecimento das elites tradicionais, mas a renovação dessas forças, continua atualíssima.

Segundo Werneck Vianna, numa sociedade excludente e autoritária, que não incorporou os valores liberais, o caminho da modernização foi o Direito e suas instituições, em meio a rupturas e negociações entre elites. Em síntese, a modernização brasileira ocorreu e ainda ocorre em meio a negociações entre o moderno e a cultura do atraso, sem rupturas com ele, mas em compromisso. Por essa razão, Werneck condenou a luta armada e apostou na luta política pelas liberdades e na mobilização da sociedade civil durante o regime militar; após a redemocratização, na participação política radicalmente comprometida com a democracia representativa.